

## 2.

### Angela Davis

*Sei que estamos nessa luta por um tempo indeterminado, que não vamos resolver esse problema nem hoje nem amanhã. Portanto, temos que aprender a manter a alegria, mesmo quando enfrentamos grandes dificuldades. Meu trabalho representa a forma como escolhi viver. Quero continuar lutando.*

Angela Davis <sup>129</sup>

#### 2.1. Introdução:

Este capítulo tem como objetivo apresentar a trajetória política de Angela e suas análises e formulações a respeito da condição das mulheres negras.

Se nos fosse dada a tarefa de escolher uma figura feminina que pudesse resumir de forma marcante os conturbados e revolucionários anos 60 nos Estados Unidos, elegeríamos, sem maiores dificuldades, Angela Davis, seja pela natureza diversa dos acontecimentos daquela época, seja pela forma como a sua imagem foi apropriada e veiculada como símbolo de luta, resistência, contestação e mudança. No entanto, Angela, como muitos outros ícones daquela época, tornou-se para a atual juventude estadunidense um objeto de consumo. Ela é lembrada como uma imagem rebelde da mulher negra de cabelo estilo afro, muitas vezes utilizada na estética Hip-Hop, em especial nos círculos progressistas. Algo semelhante ao que aconteceu com Che Guevara entre nós.

Angela sintetizou, na sua época, a figura mulher negra revolucionária: a sua imagem ficou associada à luta dos/as afro-americanos/as e representou tanto uma postura afirmativa quanto uma referência intelectual relevante para a sua geração, marcada pela fala contundente embasada de denúncia ao racismo e ao capitalismo norte-americano. Ao mesmo tempo, transmitia uma simpatia a outras pessoas que não concordavam inteiramente com o seu posicionamento político. O impacto dessa imagem está presente também no Brasil, onde muitos reconhecem a sua foto como a

---

<sup>129</sup> DAVIS, Angela. Viver e Continuando Lutando. In: WERNECK, Jurema (org.). **O Livro da Saúde das Mulheres Negras**. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000, p. 72.

“Pantera Negra” Angela Davis, tendo havido, inclusive, uma jornalista brasileira que a utilizava como referência.<sup>130</sup>

## 2.2 Uma breve apresentação de Angela Davis

### 2.2.1. Algumas pontuações sobre os anos 60 nos EUA

O momento de maior visibilidade da trajetória de Angela corresponde à década de 1960<sup>131</sup>, de acordo com linha do tempo proposta do sociólogo Frederic Jameson. A divisão cronológica proposta pelo autor apresenta momentos chaves, pequenos marcos que desenham um painel definido e bem caracterizam a geração de Angela. O período em questão redefiniu padrões e comportamentos para toda a sociedade ocidental; alguns autores chegam a considerar o período como a grande revolução que vivenciou o século XX.

As sementes dos anos 60 nos EUA, no entanto, haviam sido jogadas nas décadas de 40 e 50, em parte como uma resposta à estabilidade econômica, o consumismo e o conformismo que dominaram a época, valores que então foram profundamente questionados. Os anos de grande prosperidade econômica geraram algumas vozes intelectuais destoantes, como C. Wright Mills, Hebert Marcuse, Erich Fromm, John Kenneth Galbraith, entre outros, que apontavam que o sistema econômico abundante não era o suficiente para a realização dos indivíduos.

Numa era de conformismo, essas pessoas (intelectuais dissidentes) tomaram partido contra o que *C. Wright Mills* chamou de *main drift*<sup>132</sup>, defendendo o direito de

<sup>130</sup> A visibilidade de Angela Davis entre os brasileiros foi fortalecida com a entrada, em 1972, da primeira jornalista negra na Rede Globo, Maria das Graças, aprovada no teste para apresentadora do Jornal da Tarde de Belo Horizonte/MG. Contudo, a efetivação da apresentadora foi condicionada à imposição de um nome: Ana Davis, como uma referência direta a Angela Davis, naquela época já bastante conhecida pelos brasileiros, em grande medida, como consequência da cobertura que a imprensa internacional deu a sua prisão, julgamento e absolvição. Maria das Graças, além das semelhanças físicas com Angela Davis, possuía também o cabelo afro, tão em voga na época como símbolo da consciência racial. Anna Davis era envolvida com os círculos culturais da cidade e escrevia para um suplemento literário local. O convite para fazer a seleção partiu de uma produtora da emissora que buscava uma mulher com um estilo novo. Posteriormente, Anna passou a apresentar o Jornal Nacional com cobertura para todo o país (Informações obtidas em entrevista realizada com a jornalista no dia 17 de agosto de 20004).

<sup>131</sup> Estamos considerando os anos 60 a partir da divisão proposta por Frederic Jameson em seu artigo, “Periodizando os anos 60”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Ed.Rocco, 1991, pp-81-126. O autor considera o início destes anos com a Revolução Cubana em 1959 e finaliza a década entre 1972-1974, com a retirada das tropas americanas do Vietnã em 1973.

<sup>132</sup> “Corrente principal”, em referencia à maioria das pessoas que segue os princípios ditados pela sociedade.

discordar e lutando para manter aberto o processo crítico de debate público. Em tempos sombrios, eles forneceram alguns raios de luz que ajudaram a inspirar a emergência de uma nova energia política. Eles plantaram as sementes dos anos 60.<sup>133</sup>

É importante pontuar que, da sociedade do pós-guerra de afluência, nem todos foram beneficiados. A grande parte dos afro-americanos estava submetida à precariedade econômica, e principalmente a segregação racial<sup>134</sup>. Direitos mínimos e básicos, como a educação e o voto, eram negados a essa população, o que consistia num grande paradoxo, pois o sistema criou um exército de “renegados”.

O economista John K. Galbraith nomeou com precisão a sociedade norte-americana dos anos 50 em seu livro *The Affluent Society* (1958). Chamando a atenção para a pobreza ainda vigente e a ilusão de uma segurança nacional. Galbraith denuncia que o preço pago por essa sociedade é alto demais—além de estradas congestionadas, campo destruído e cidades inseguras, a alienação e o conformismo são marcas desse período.<sup>135</sup>

Dos intelectuais mencionados anteriormente, destacaremos apenas Marcuse, professor e orientador de Angela, em consequência de sua forte ligação com a aluna. Dos livros escritos de Marcuse, dois merecem destaque: *Eros e Civilização* (1955) e *One-Dimensional Man* (1964). O primeiro retoma um aspecto da obra de Freud que havia sido posto de lado na sociedade industrializada do pós-guerra, o culto ao princípio do prazer. No segundo, abordagem se dirige ao pensamento unidimensional da sociedade industrial, pois o desenvolvimento do capitalismo e da tecnologia levou a uma “mecânica do conformismo”, criando homens sem individualidades e com a liberdade pessoal comprometida. Esses conceitos de Marcuse estavam presentes em grande parte do discurso da juventude de 1968, principalmente no que se refere à negação e a recusa à sociedade industrial e aos valores ocidentais tradicionais.

Os anos 60 trouxeram aspectos tão fortes e inovadores para as sociedades ocidentais que é possível pensar no antes e no pós anos 60. As mudanças foram em diversas áreas, incluindo a política, cultura, economia etc. Um ponto importante nessas mudanças está na idéia do direito à fala, que Jameson discute, como a

<sup>133</sup> BERUTTI, Eliane Borges. **A dança de Clio e Calíope**: uma leitura interdisciplinar dos protestos dos jovens norte-americanos nos anos 60. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF/Departamento de História, 1997, p. 23.

<sup>134</sup> A segregação racial nos Estados Unidos consistiu na institucionalização da discriminação com base no conceito de raça que separou, espacialmente e institucionalmente, negros e brancos. Cf. [http://en.wikipedia.org/wiki/Racial\\_segregation](http://en.wikipedia.org/wiki/Racial_segregation) (consultada no dia 02/08/2004).

<sup>135</sup> BERUTTI, Eliane Borges. Op. Cit., p. 23.

(...) conquista do direito de falar com uma nova voz coletiva, nunca antes ouvida nos palcos do mundo, e da concomitante supressão dos intermediários (liberais, intelectuais do Primeiro Mundo) que até aquele momento se davam o direito de falar em seu nome; tudo isso sem esquecer a retórica propriamente política da autodeterminação ou da independência, ou ainda aquela outra, mais psicológica e cultural das novas “identidades” coletivas.<sup>136</sup>

Não se tratou apenas de novas identidades, mas também da emergência de novos sujeitos históricos que deslocavam a determinação de classe, e traziam outras categorias sociais e políticas, como raça, colonizado, marginal e gênero. Desse processo destacam-se as revoluções e lutas de libertação nacionais, tais como: a Revolução Cubana (1959), Independência da Argélia (1962), Revolução Cultural na China (1965) e a Primavera de Praga na Tchecoslováquia (1968), Maio de 1968 em Paris. Em especial nos interessam a Guerra do Vietnã e o Movimento dos Direitos Civis. A compreensão desses processos políticos torna-se fundamental para o entendimento daquela conjuntura histórica. Os dois últimos acontecimentos são de maior importância para nós pelo fato de terem servido como aglutinadores das energias da juventude daquela sociedade, e ainda por terem demonstrado o quão covarde e injusto era o “sistema”. De acordo com a própria Angela, a Guerra tinha como características o racismo, o imperialismo e a violação da autodeterminação dos povos.

(...) I believe Black men should not be coerced into fighting a racist, imperialist war in Southeast Asia, where the United States government is violently denying a nonwhite people the right to control their own lives, just as they vilently suppressed us for hundreds of years.<sup>137</sup>

Sobre o Movimento dos Direitos Civis, o mesmo se constituiu na grande escola de formação política para Angela, como para muitos negros norte-americanos. De lá saíram várias lideranças políticas destacando-se o líder do movimento, o reverendo Martin Luther King, Jr., que advogava a estratégia de resistência não-violenta na luta pelos direitos civis para os afro-americanos.

<sup>136</sup> JAMESON, Frederic. Op. Cit., p. 83.

<sup>137</sup> DAVIS, Angela. I am a revolutionary black woman. In: MULLINGS, Marable Mullings (ed.). **Let Nobody Turn us around: Voices of Resistance, Reform, and Renewal.** An African American Anthology. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1999, p. 483.

### 2.2.2. Notas sobre a trajetória intelectual e política de Angela Davis

Antes de iniciarmos a apresentação sobre a trajetória de Angela, é importante pontuar que, de acordo com a própria da pesquisada, a sua vida pessoal não estava separada da sua atividade política. Para Angela era uma questão de “(...) fundir o pessoal com o político até o ponto em já não possam ser separados”.<sup>138</sup> Dessa maneira, “(...) já não se vê a própria vida, a vida individual, como algo importantíssimo”.<sup>139</sup> Mais do que um pensamento particular da autora, essa idéia estava presente em toda a geração de militantes de esquerda dos anos 60; Angela e seus contemporâneos se consideravam como revolucionários dispostos a entregar a vida à causa: “Minha vida pertence a luta”<sup>140</sup>.

De forma sucinta iremos oferecer uma visão panorâmica a respeito da trajetória de Angela Yvonne Davis. Ela nasceu em 26 de janeiro de 1944 na cidade de Birmingham, no estado do Alabama, na região sul dos EUA, num período de segregação racial e de “Leis Jim Crow”<sup>141</sup>. A cidade onde nasceu ficou associada ao bombardeio, promovido pela *Klu Klux Klan*, que destruiu uma Igreja Batista em 15 de setembro de 1963. Em consequência desse ataque, Carole, Cyntia, Adie e Denise, com idades entre 11 e 14 anos, morreram queimadas e mais 20 pessoas. O caso foi considerado um dos crimes mais chocantes da história dos Estados Unidos. A igreja era um ponto de encontro de militantes pró-direitos civis. Mais do que um fato isolado, o ocorrido em Birmingham revela o ambiente que reinava no lugar onde, como descreveu o escritor *William Faulkner*, “o passado nunca morre”.

A família de Angela tinha uma situação economicamente estável, diferente do resto da comunidade negra local, e morava inclusive na área de classe média da cidade. Contudo, a situação de tensão racial estava presente no seu cotidiano. O bairro

---

138 DAVIS, Angela. **Si llegan por ti en la mañana**. Vendrán por nosotros en la noche, 3ªed, Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores, 1976, p. 211.

139 Ibid.

140 Ibid.

141 Leis que criavam impedimentos legais para que afro-americanos pudessem votar nos Estados do Sul, a partir das 14ª e 15ª emendas da Constituição e da Declaração dos Direitos de 1789, as quais asseguravam que direitos fossem invalidados por governantes. Em alguns estados, por exemplo, negros eram submetidos a um exame sobre a constituição, em outros se exigia que seus antepassados já tivessem votado uma vez, o que seria impossível por eles terem sido escravizados. O termo Jim Crow foi retirado de uma canção de 1832, em que se referia-se aos negros de forma depreciativa.

onde sua família morava ficou conhecido como “Dynamite Hill” em consequência das agressões constantes promovidas pela *Ku Klux Klan*<sup>142</sup> contra as famílias negras locais que tentavam “integrar-se” em uma vizinhança branca. Famílias negras vizinhas de Angela tiveram suas casas atacadas. Sobre o período Angela recorda:

Almost immediately after we moved there white people got together and decided on a border line between them and us. Center Street became the line of demarcation. Provided that we stayed on “our” side of the line (the east side) they let it be known we would be left in peace. If we ever crossed over to their side, war would be declared. Guns were hidden in your house and vigilance was constant.<sup>143</sup>

Gostaria de fazer um parêntese aqui e tecer alguns comentários a respeito da situação das famílias de classe média negra do período. Apesar de sua condição econômica, essas famílias estavam submetidas em grande parte às desvantagens vividas por toda a comunidade negra. De uma forma geral, a segregação imponha a necessidade de todos viverem em proximidade geográfica. O mesmo fazia com que os negros estadunidenses mantivessem-se em contato nos espaços públicos, como nas escolas, por exemplo, e que apesar das diferenças de classe, o determinante raça ficasse fortalecido. Um bom exemplo disso é o fato que duas das maiores lideranças do Partido dos Panteras Negras (Black Panther Party), Bobby Seale e Huey Newton, também fossem provenientes de famílias de classe média negra<sup>144</sup>.

Retomando Angela, ela era a filha mais velha de *Sallye Bell Davis* e *B. Frank*. O casal teve ainda outros três filhos. A sua mãe, professora, a ensinou ler, escrever e calcular em casa. O seu pai também havia sido professor, mas abandonou a profissão, em função do baixo salário, e administrava o seu posto de gasolina.

Como muitos estudantes negros/as da época, Angela estudou em uma escola pública segregada, a *Carrie A. Tuggle Elementary School*. A qualidade do ensino era inferior à das escolas onde estudavam os/as alunos/as brancos que eram de melhor qualidade. As escolas para afro-americanos possuíam material didático defasado, que

142 A Ku-Klux-Klan surge em 1867 com veteranos sulistas da Guerra de Secessão em Nashville. Uma organização racista, secreta e terrorista. O seu intuito era impedir a integração racial agrediam “preferencialmente” a negros, no entanto, brancos a favor da integração também eram atacados. Os membros da Ku-Klux-Klan usavam túnicas e máscaras brancas que impediam a sua identificação. As suas ações se caracterizavam por manifestações pública de ódio racial, como passeatas, espancamentos, linchamentos, mortes e incêndios de propriedades e colheitas.

143 DAVIS, Angela. **Angela Davis: An Autobiography**, New York: Random House, 1988, p. 78.

144 Para um maior aprofundamento a respeito, conferir a entrevista de Katleen Cleaver para o projeto “The two nations of black américa”. Publicado no site: <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/kcleaver.html> (consultado em junho de 2004)

havia sido descartado pelas escolas de estudantes brancos/as, além de estarem alocados em prédios mal conservados, entre outros problemas. O ponto positivo que pode se destacar nas escolas segregadas é o ensino que faziam da História Negra:

Throughout those years, I learned something about every Black person “respectable” enough to be allotted a place in the history books-or, as far as contemporary people were concerned , who made their way into “Who’s Who in Negro America” or *Ebony* magazine.<sup>145</sup>

Em suas recordações da época, Angela destaca que foi nesse período que se deu conta das desigualdades sociais, e da posição privilegiada que sua família tinha em relação aos outros membros da comunidade negra local, observando principalmente a realidade de outras crianças negras. Angela também fala da mãe como uma referência importante no seu processo de amadurecimento político. *Sallye B. Davis* foi ativista na sua época de estudante, participou das atividades da *National Association for Advancement to the Colored People* (NAACP) e atuou na direção da *Southern Negro Youth Congress* (SNYC). Esta mesma organização, com base em Birmingham, inicialmente voltada a trabalhadores negros, com o passar do tempo dedicou-se a fortalecer a participação negra nas eleições, através da conscientização do voto a partir de um trabalho comunitário baseado em atividades culturais. Além disso, junto com sua mãe Angela participou de algumas manifestações pelos Direitos Civis em Birmingham.

Em 1959, aos 15 anos de idade, Angela recebe uma bolsa de estudo paga pelo Comitê de Serviço dos Amigos Americanos (*American Friends Service Committee*) que possibilitou os seus estudos em Manhattan/Nova York, no *Elizabeth Irwin High School*. Escola particular progressista composta por professores que haviam sido marginalizados no sistema público de ensino em consequência de suas ideologias políticas, era considerada, inclusive como “um ninho de radicais”.<sup>146</sup> Vive no *Brooklyn* com uma família de um ministro da Igreja Episcopal. Angela teve alguns problemas iniciais para acompanhar as aulas, em consequência da educação de qualidade inferior que havia recebido na escola segregada no sul. O seu primeiro contato com o pensamento de esquerda foi nessa época, na escola:

<sup>145</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 1988, p. 91.

<sup>146</sup> Expressão retirada do verbete publicado por HIME, Darlene Clark (editor). **Black Women in América: An Historical Encyclopedia**. New York: Carlson Publishing Inc, 1993.

When I learned about socialism in my history classes, a whole new world opened up before my eyes. For the first time, I became acquainted with the notion that there could be an ideal socioeconomic arrangement; that every person could give to the society according to his ability and his talents, and that in turn he could receive material and spiritual aid in accordance with his needs.<sup>147</sup>

Porém, o grande impacto veio com a leitura do Manifesto do Partido Comunista:

The *Communist Manifesto* hit me like a bolt of lightning. I read it avidly, finding in it answers to many of the seemingly unanswerable dilemmas which had plagued me. I read over and over again, not completely understanding every passage or every idea, but enthralled nevertheless by the possibility of communist revolution here. I began to see the problems of Black people within the context of large working-class movement.<sup>148</sup>

Nesse mesmo período, foi convidada a participar das reuniões de um grupo de jovem, chamada *Advance*, uma organização ligada ao Partido Comunista Americano (CPUSA)<sup>149</sup>. Angela fora convidada por *Bettina Aptheker*, filha de Herbert Aptheker, uma importante liderança do Partido, a participar das reuniões. A maioria dos jovens dessa organização era composta de filhos de militantes comunistas. Na verdade, os pais de Angela já tinham proximidade com militantes negros do Partido Comunista. Ela descreve em suas memórias que no período que viveu em Nova Iorque, se sentia fora de lugar, contudo, as amizades e a militância política davam algum conforto.

Em 1961 iniciou a sua graduação na Universidade de Brandeis em Waltham, Massachussetts com especialização em literatura francesa. Uma das recordações que guarda do início da graduação foi do isolamento dentro da universidade. Segundo ela, “I felt alienated, angry, alone and would have left the campus”.<sup>150</sup> Um momento muito intimista, que se somava ao seu contato com o pensamento existencialista em que fazia leituras de *Jean Paul Sartre* e *Albert Camus*.

---

147 DAVIS, Angela. Op. Cit., 1988, p. 109.

148 Ibid, p. 109-10.

149 O Partido Comunista Americano foi fundado oficialmente em 1919. A partir dos anos 20, o Partido começa a focalizar também a questão do racismo, e a especificidade dos trabalhadores negros, em parte, por ser uma questão latente na sociedade americana, mas, também, seguindo as orientações de Lênin. O mesmo recomendava a atenção particular ao ‘elo fraco’ do Imperialismo, nos EUA, os afro-americanos. O PCA passou por grandes dificuldades na década de 50: em primeiro lugar, o marcathismo que perseguiu grande parte dos seus militantes e simpatizantes; logo depois, em 1956, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética denúncia os crimes de Stálin, e leva a um processo de grande fragilização interna.

150 DAVIS, Angela. Op. Cit, 1988, p. 118.



Na leitura da autobiografia de Angela, observamos um grande isolamento vivido por ela na sua juventude, para nós, consequência da situação de “excepcionalidade”<sup>151</sup> que viveu como estudante negra em uma universidade num momento em que o aparelho da segregação está sendo desmontado juridicamente. No entanto, a mentalidade racista continua presente tanto nas instituições, quanto na cabeça de muitas pessoas.

Angela já se considerava comunista no início da sua graduação, mas não participava das movimentações políticas que aconteciam no campus, por não se identificar com aqueles militantes.

Durante o primeiro ano na Universidade, Angela recebe nova bolsa de estudos, desta vez para a Universidade de *Sorbonne*, na França. Lá trava contato com os estudantes argelinos e conhece a luta de libertação contra o colonialismo francês. Observa também a repressão exercida pela polícia francesa contra os argelinos em Paris por desejarem obter sua independência. O contato com os argelinos revela a Angela a dimensão global da luta contra o colonialismo.

Apesar de estudar literatura francesa, começa a se interessar cada vez mais pela filosofia. Ainda como estudante de literatura francesa, conhece Hebert Marcuse, na cidade de Brandeis em 1964-65, que a orienta nos estudos de filosofia. As idéias de Marcuse tiveram grande influência em Angela, e em especial as análises do filósofo a respeito da responsabilidade do indivíduo para rebelar-se contra o sistema fizeram-na refletir bastante. Por fim, a leitura dos seus livros e suas análises psicanalíticas a partir de Sigmund Freud também foram importantes neste processo.

Ao terminar a sua graduação, em 1965, obteve a qualificação *magna cum laude* no seu exame profissional de literatura francesa. Em seguida, obteve uma bolsa de estudos do governo da Alemanha Ocidental para Universidade de Goeth, em Frankfurt, onde teve a oportunidade de estudar com Theodor Adorno e Oskar Negt. Ali participa também das manifestações contra a Guerra do Vietnã organizada pela Liga dos Estudantes Socialistas<sup>152</sup>.

Destaca-se o fato de que Angela, na ocasião, dominava o francês e o alemão, além do conhecimento intelectual adquirido na sua graduação e na sua pós-graduação

---

151 Quando falamos em excepcionalidade, nomeamos apenas o fato de Angela, uma mulher negra, ter conseguido romper com as barreiras impostas aos afro-descendentes e cursar uma universidade, entre outras coisas.

152 É importante pontuar que a trajetória de Angela, assim como a de Lélia, foi marcada pelo entrecruzamento da vida intelectual com a militância política, aspectos indissociáveis na trajetória dessas duas mulheres.

na Alemanha, pontos que a permitiram desenvolver com mais profundidade os seus estudos políticos e filosóficos.

Regressa aos Estados Unidos em 1967, com intuito de encerrar sua pós-graduação, bem como participar mais ativamente na luta contra o capitalismo e o racismo. Angela vai para a Universidade da Califórnia de San Diego para terminar o seu doutorado com Marcuse, que havia mudado de universidade. O doutorado foi finalizado em 1969. Em San Diego, estabelece contato com a comunidade negra do sul da Califórnia, participando da militância contra o desemprego, a brutalidade policial. Contudo, foi o assassinato de Gregory Clark, um jovem negro de 18 anos, pela polícia de Los Angeles que revelou as práticas do Estado \_ capaz inclusive de utilizar técnicas fascistas para conter a organização política das comunidades oprimidas.

No ano de 1968, estava próxima do Partido dos Panteras Negras e do PC, porém decide se filiar ao Partido Comunista Americano (CPUSA)<sup>153</sup>, integrando o Coletivo Che-Lumumba<sup>154</sup>, que abrigava os militantes negros do Partido em Los Angeles. Em relação às suas motivações para entrar no Partido Comunista, Angela fala da sua convicção política de empregar os princípios marxista-leninistas na luta por libertação:

I am a Communist because I am convinced that the reason we have been forcefully compelled to eke out an existence at the very lowest level of American society has to do with the nature of capitalism. If we are going to rise out of our oppression, our poverty, if we are going to cease being the targets of the racist minded mentality of a racist policeman we will have to destroy the American capitalist system.<sup>155</sup>

Sobre o Coletivo Che- Lumumba:

(...) I joined the Che-Lumumba Club, which is a militant, all black collective of the Communist party in Los Angeles committed to the task of rendering Marxism-Leninism relevant to black people.(...) The practical perspective of the Che-Lumumba Club is based on an awareness of need to emphasize the national character of our people's struggle and to struggle around specific forms of oppression which have kept us at the very lowest levels of American society for hundreds of years, but

<sup>153</sup> Manteve-se ligado ao CPUSA até o ano de 1991.

<sup>154</sup> O nome fazia referência às lideranças revolucionárias mortas do Terceiro Mundo Patrice Lumumba e Che Guevara. Lumumba foi o Primeiro Ministro do Congo, morto em 1961, até hoje não se sabe quem foram os seus assassinos. A escolha desses nomes seguia a um critério dos Partidos Comunistas da época de prestar homenagens às lideranças políticas que haviam dedicado suas vidas à revolução.

<sup>155</sup> DAVIS, Angela. I am a revolutionary black woman. Op. Cit., p. 483.

at the same time to place ourselves as black people in the forefront of a revolution involving the mass of people to destroy capitalism (...) <sup>156</sup>

No seu contato com o Partido dos Panteras Negras, presenciou em Janeiro de 1969 os assassinatos de dois líderes do Partido das células do Sul da Califórnia, *John Huggins* e *Alprentice "Bunchy" Carter*, no campus da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) por executores pagos pelo FBI. No outono desse mesmo ano, foi nomeada professora de Filosofia da UCLA.

Em 1969, ocorreu o primeiro incidente da trajetória de Angela que lhe concedeu uma grande visibilidade. O então Governador da Califórnia, Ronald Reagan, tenta expulsá-la da UCLA, alegando que Angela havia se declarado comunista e por isso não poderia mais lecionar na universidade. O processo teve uma grande repercussão e a imagem de Angela foi projetada para fora do circuito da militância política e da intelectualidade de esquerda. Contudo, os tribunais declararam que tal ação era inconstitucional, pois feria o direito de liberdade de expressão garantido pela Constituição estadunidense. Após o processo, Angela ganhou uma popularidade muito maior na universidade, as suas aulas sobre os temas filosóficos na literatura negra passaram a ser disputadíssimas com turmas sempre superlotadas. No entanto, o seu contrato não foi renovado na instituição no período seguinte, com a alegação de que ela não havia concluído o doutorado e por seu ativismo político na universidade.

O ano de 1970 foi destacado pela autora como um período chave de sua trajetória, um amadurecimento político, em suas próprias palavras:

That period was pivotal for me in many respects. I came to understand much more concretely many of the realities of the Black struggle of that period. Having been involved for a number of years in organizing people in the community and on the campuses against the prevailing political repression. I found myself a victim of that. <sup>157</sup>

E também nesse momento que se dá conta da sua condição de mulher negra. “So 1970 really was the year in which I first began to become conscious of myself as a Black woman.” <sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> Ibid.

<sup>157</sup> DAVIS, Angela e JORDAN, June. Woman Talk. In: *Essence*. n. 21. New York: ECI, May 1990, p. 93.

<sup>158</sup> Ibid, p. 94.

No começo desse ano, Angela inicia o seu envolvimento político e pessoal com George Jackson e os outros *Soledad Brothers*. George era um afro-americano, preso na cadeia de San Martin, na Califórnia, acusado de roubo com uma história quase idêntica a de muitos outros jovens negros. Contudo, como ocorreu com outras lideranças negras como Malcom X e Eldridge Cleaver, George teve o seu amadurecimento político no cárcere e tornou-se uma liderança política entre os presos e membro do Partido dos Panteras Negras. De acordo com Angela, o processo vivido por George, era vivenciado por outros também, em grande escala:

A new consciousness had taken root. It was not simply consciousness of those who were in prison for political reasons. This was a mass phenomenon. Prisoners-particularly Black prisoners - were beginning to think about how they got there- what forced them into the prison. They were beginning to understand the nature of racism and class bias. They were beginning to recognize that regardless of the specific details for their individual cases, most of them were in prison because they were Black, Brown and poor.<sup>159</sup>

Como uma forma de conter o trabalho desenvolvido por George e outros presos, foi forjado por parte das autoridades do presídio o envolvimento dele, John Cluchette e Fleeta Drumgo no assassinato de um guarda da prisão. O contato com George mudou bastante a sua vida. A partir dessa relação, ela se dá conta de duas questões fundamentais em sua militância política e produção acadêmica: o despertar da sua consciência de gênero, bem como a percepção sobre o racismo e a criminalização dos afro-americanos. Angela<sup>160</sup> se aproximou de George a partir da sua atuação no Comitê de Solidariedade aos *Soledad Brothers* (como ficaram conhecidos os três acusados). Trabalhando pelo comitê, Angela proferia debates, participava de palestras denunciando as várias formas que assumiam a repressão política, da qual eram vítimas os *Soledad Brothers* e outros militantes, especialmente os membros dos Panteras Negras, presos ou mortos em nome da manutenção da ordem. Em seus discursos, Angela mencionava constantemente o fato de que 30% dos presos eram negros, enquanto no total da população estadunidense eles representavam 15% apenas, o que mostrava o racismo presente no sistema judicial norte-americano.

<sup>159</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 1988, p. 249.

<sup>160</sup> Frequentemente aparecem referências de que Angela teria se envolvida em todo o problema dos *Soledad* em função do seu envolvimento sentimental com George Jackson, argumento utilizado inclusive pela promotora na acusação contra ela. Essa é uma das visões recorrentes a respeito da ação política das mulheres, que nos insere sempre no campo da afetividade, não nos qualificando em ações ligadas ao intelecto.

Ao mesmo tempo, relacionava isso a sua própria experiência de perseguição vivenciada na UCLA.

Essa relação acarretou, posteriormente, para Angela a sua vinculação com o rapto, assassinato e conspiração ocorridos no tribunal de San Rafael na Califórnia, comandados por Jonathan Jackson (irmão mais novo de George, de 17 anos) em Agosto de 1970. A acusação pelos crimes citados veio justamente como consequência do seu envolvimento com George. Jonathan, em 07 de Agosto de 1970, utilizou a arma que pertencia a Angela para efetuar o seqüestro no Tribunal com o objetivo de libertar três prisioneiros negros que estavam em audiência. Ele e outros três homens seqüestraram o juiz, o promotor e alguns jurados e os levaram até uma caminhonete que os esperava. Contudo, quando todos estavam dentro do carro um guarda que estava na rua começou a atirar. Como resultado final do tiroteio, Jonathan, o juiz e os dois presos foram mortos e os demais feridos. Assim sendo, Angela foi acusada pelas mortes ocorridas porque a arma estava registrada em seu nome. Ela permaneceu clandestina, tentando fugir da polícia por algum tempo, chegando, inclusive, a figurar na lista dos dez mais procurados do FBI em 1970. Foi presa em 13 de outubro de 1970, em Nova York na companhia de *David Poindexter*, um amigo. Era acusada pelo Estado da Califórnia de cúmplice por assassinato e seqüestro. Ficou presa durante 17 meses, nesse período produziu muitos artigos. Além disso, foram feitas campanhas nacionais e internacionais pela sua libertação, intituladas “*Free Angela*”. Recebe apoio de figuras importantes da comunidade afro-americana, como a cantora Aretha Franklin, que mesmo não concordando com a postura ideológica de Angela, lutam pela sua libertação. A cantora declara: “I’m going to set Angela free... not because I believe in communism but because she’s a black woman who wants freedom for all Black People.”<sup>161</sup>

O julgamento ocorreu em junho de 1972 e a inocentou, tendo sido ela própria integrante da equipe de defensoria no julgamento. Para que conseguisse isso, inclusive, teve de apelar ao tribunal em 5 de janeiro de 1971. Abaixo está parte do seu pedido. O mesmo resume os argumentos usados na defesa, além de resumirem idéias políticas da autora. Durante todo o processo, Angela afirmava a sua inocência contra as acusações, plantadas, em suas palavras pelo Estado da Califórnia.

---

<sup>161</sup> HINE, Darlene C. (ed.). Op. Cit, p. 305.

Sou inocente, conseqüentemente sustento que nenhum ato criminoso, qualquer que seja, justifica minha presença atual ante a este tribunal.

Encontro-me aqui por ser vítima de uma maquinação política que, longe de demonstrar minha culpabilidade, indica o Estado da Califórnia como agente da repressão política. Em efeito, o Estado da Califórnia revela seu papel ao utilizar como prova contra a mim, a minha participação em lutas que livra o meu povo- a população negra- contra as múltiplas injustiças sociais, ao utilizar, especialmente minha participação no Comitê em defesa dos *Soledad Brothers*. Até agora, o povo norte-americano têm sido induzido a acreditar que tal participação é garantida pela Constituição.

Para estar segura de que estas questões políticas não serão anuladas nem desnaturalizadas, me vejo obrigada a tomar parte ativa em minha própria defesa: como acusada, como mulher negra e como comunista.

(...) Ninguém pode falar melhor do que eu mesma das minhas convicções e atividades políticas. Uma justiça que condena virtualmente ao silêncio a mesma pessoa que mais tem a perder, parece conter os germes da sua própria destruição.

(...) Para aumentar as possibilidades de que aconteça um processo justo- o qual por hora, não me pareça que seja o caso-, é absolutamente necessária a autorização de que eu mesma participe da minha defesa. Poderia agregar que ao meu pedido não carece/precisa de precedentes no plano jurídico.

Se este tribunal rechaçar nossa petição, e não me incluir como defensora neste processo, se alinhará junto as forças do racismo e da reação que ameaçam empurrar o nosso país aos horrores do fascismo; e muitas pessoas que tem perdido gradualmente a sua ilusão a respeito do sistema jurídico encontrarão aqui uma razão mais para confirmar sua opinião e para pensar que já não é mais possível ser julgado imparcialmente nos Estados Unidos.<sup>162</sup>

O texto nos parece muito interessante por conseguir resumir aspectos recorrentes do pensamento e da trajetória de Angela. O primeiro ponto importante, diz respeito a sua autodefinição, como mulher negra e comunista. Essa apresentação resume tanto a identidade de Angela quanto as suas prioridades políticas e intelectuais que estão ligadas às dimensões de classe, gênero e raça. O segundo ponto relaciona-se a auto-representação, à necessidade de defender a si mesma, um aspecto recorrente nos discursos dos militantes negros desde *Malcom X*. O aspecto seguinte relaciona-se à afirmação da sua inocência, e à alegação da perseguição política por parte do Estado da Califórnia, que tentava incriminá-la como forma de conter o seu trabalho político, uma técnica muito utilizada na ocasião com os militantes revolucionários, não só nos Eua, como em diversos países, como o Brasil por exemplo. E, por último, a denúncia do processo de implementação de uma cultura fascista vivida por aquela sociedade.

O julgamento inocentou Angela. O intuito do processo de criminalização de Angela tinha o objetivo bem nítido de conter a influência de Angela na comunidade negra, em especial o exemplo para outras mulheres negras. Ela representava uma ameaça, em grande medida no plano simbólico. Uma mulher negra que

<sup>162</sup> DAVIS, Angela. **Angela Davis habla**. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1972, pp. 57-8.

orgulhosamente se definia como comunista disposta a lutar incansavelmente contra o capitalismo e o racismo, ao mesmo tempo, desafiava as definições recorrentes a respeito das mulheres afro-americanas. Como ela mesma recorda, o seu exemplo poderia levantar muitas outras mulheres:

Something happened during the period of my persecution by the government and the FBI and others. When I was underground, enormous numbers of Black women were arrested and harassed. I came to realize the government feared the political potential of Black women – and that was a manifestation of a larger plan to push us away from political involvement, from militant political involvement.<sup>163</sup>

O comitê que serviu de apoio a Angela no período da sua prisão, após o processo serviu de base para a criação da organização, *National Alliance Against Racism and Political Repression*. A mesma tem como propósito apoiar presos políticos, em especial “pessoas de cor”<sup>164</sup> criminalizadas pelo racismo.

Angela continua a desenvolver a sua militância política após o julgamento, chegando a ser inclusive candidata a vice-presidência dos Estados Unidos, pelo Partido Comunista em 1980 e em 1984. Atualmente, não está mais no Partido, porém participa do *Critical Resistance*<sup>165</sup>. A organização atua na luta contra o complexo industrial prisional americano. Além disso, trabalha em questões ligadas aos temas de gênero e raça. Leciona também na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, editou uma série de livros e artigos que, em sua grande maioria, versam sobre gênero, raça, classe e cárcere.

Como um balanço da própria Angela sobre a sua trajetória, os resultados foram positivos. Em primeiro lugar Angela, faz uma avaliação da sua militância política como resultado de um processo histórico maior que não se resume à excepcionalidade individual.

I think the importance of doing activist work is precisely because it allows you to give back and to consider yourself not as single individual who may have achieved whatever but to be a part of an ongoing historical movement.<sup>166</sup>

<sup>163</sup> DAVIS, Angela e JORDAN, June. Op. Cit., p. 94.

<sup>164</sup> Pessoas consideradas não-brancas na sociedade americana, que inclui afros, latinos, afro-latinos, árabes, asiáticos e indígenas americanos.

<sup>165</sup> Para maiores informações conferir o site: <http://www.criticalresistance.org>

<sup>166</sup> DAVIS, Angela. Entrevista publicado no site: [www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/davis.html](http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/davis.html). Consultada no dia 4 de julho de 2004. Essa entrevista foi realizada em 1997 como parte de um projeto da rede de TV pública americana PBS com lideranças negras dos anos de 1960.

Em outra avaliação sobre sua trajetória, Angela menciona a necessidade de se preocupar com o seu próprio bem-estar, também como parte integrante da sua luta.

I have learned a lesson which I would not have acknowledged 20 years ago, that it is all right to want to tend to my own needs. It is not contradictory to be involved in the quest for justice or liberation and also want to be healthy myself, and to take time guarantee that I am physically and spiritually and emotionally healthy. <sup>167</sup>

### **2.3. O pensamento de Angela sobre mulheres afro-americanas, raça e gênero**

Como observado no capítulo anterior, as discussões e análises de gênero e raça são os espaços onde as teorias se concretizam e as pesquisadas analisam e conceituam, com base em diferentes instrumentais teóricos, duas experiências históricas femininas da diáspora africana.

No âmbito da obra de Angela, é perceptível o fato de a autora ter dedicado muito dos seus estudos a desconstruir, apoiada em informações históricas e conceituações marxistas, parte das visões distorcidas a respeito das mulheres afro-americanas. Uma outra caracterização da sua produção se dá nas interseções entre raça, classe e gênero, em que há forte distinção ao conseguir “radicalizar” o feminismo negro com sua persistência nas dimensões de raça e classe.

É importante pontuar o silêncio das “mulheres de cor” <sup>168</sup> como produtoras de conhecimento sobre sua própria história e experiências. No caso das mulheres negras, a invisibilidade está nos estudos feministas clássicos, onde as experiências delas foram completamente ignoradas em nome de uma homogeneização da definição de mulher, apagando as dimensões de classe e raça/etnia. E também nas pesquisas sobre raça e etnicidade, nestas as experiências dos homens negros foram consideradas como normas para toda a comunidade. Essa dupla invisibilidade levou a escritora americana Bárbara Smith e outras autoras a criarem a conhecida expressão sobre as mulheres

---

167 DAVIS, Angela Davis e JORDAN, June. Op. Cit., p. 193.

<sup>168</sup> É usual na bibliografia norte-americana o uso do termo pessoas de cor, mulheres de cor etc. No entanto, consideramos problemática esta expressão, e um pouco ambígua no contexto brasileiro. Em consequência disso, propomos a expressão “mulheres colonizadas”, pessoas colonizadas, na medida em que a subalternidade desses grupos étnicos está sendo marcada pela experiência da colonização. Reconhecemos que o termo também é um pouco amplo, mas a meu ver mais preciso do que a expressão anterior, inteligível no contexto da sociedade norte-americana. Contudo, o termo “pessoas de cor” irá aparecer quando se tratar de traduções de artigos em inglês. O que define a experiência das mulheres de cor é a dimensão da opressão racial, que não permite avaliar o gênero de forma isolada.



negras: Todas as mulheres são brancas, todos os negros homens, mas algumas são guerreiras.<sup>169</sup>

Em consequência disso, a produção das mulheres negras sobre a sua própria condição é relevante, pois muitos dos pontos destacados por nós não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Pois como lembra a pesquisadora Michele Wallace:

A idéia era ir além da discussão sobre ‘fatos’ e chegar a uma observação geral sobre como as negras raramente participam da produção de ‘fato’ e ‘história’. Assim, quando elas fazem qualquer movimento nesse sentido, isso é potencialmente subversivo de um *status quo* repressivo.<sup>170</sup>

Considerando o movimento feminista, lembramos que, historicamente, a relação das mulheres negras com o movimento foi bastante conflitiva na conjuntura dos anos 1960/70. O mesmo não exercia nenhuma atração sobre as mulheres negras, chicanas ou asiáticas revolucionárias, em consequência da sua orientação de classe média e branca, marcado por um discurso sobre uma feminilidade excessiva não atrativo a essas mulheres. Angela apresenta uma crítica a esse “feminismo tradicional”, por reivindicar uma essência feminina ou uma mulher universal, em que é “(...) importante para os feminismos desvencilharem-se da noção de que há uma qualidade universal que podemos chamar de *mulher*.”<sup>171</sup>

Um bom exemplo sobre as diferenças entre o movimento feminista e as militantes das organizações revolucionárias pode ser exemplificado com a campanha pela libertação de Angela. *Francês Beal*, líder da organização *Third World Women's Alliance*, recorda as polêmicas dentro do movimento de mulheres, em especial com a organização feminista *National Organization of Women* (NOW)<sup>172</sup>, que se recusou a assinar o documento em favor da libertação de Angela. Beal relata: “(...) one of the leaders of NOW ran up to us and said angrily, ‘Angela Davis has nothing to do with the women’s liberation.’”<sup>173</sup> Beal responde: “It has nothing to do with the kind of

<sup>169</sup> Conferir SMITH, Barbara; HULL, Gloria T. e SCOTT Patricia Bell. **All the women are white, all the blacks are men, but some of us are brave**: Black Women's studies. New York: Feminist Press, 1986.

<sup>170</sup> WALLACE, Michele. Imagens Negativas - para uma crítica cultural feminista negra. **Revista Estudos Feministas**. v. 2 n. 3. Rio de Janeiro: UFRJ jan./jun. 1994, p.73.

<sup>171</sup> DAVIS, Angela e DENT, Gina. A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição. **Revista Estudos Feministas**. v. 11, n. 2. Florianópolis: UFSC jul./dez. 2003, p.527.

<sup>172</sup> NOW é a organização feminista mais conhecida dos EUA foi fundada em 1964.

<sup>173</sup> GIDDINGS, Paula. **When and Where I Enter**: The Impact of Black Women on Race and Sex in America. New York: Bantom Books, 1984, p. 305.

liberation you're talking about (...) but it has everything to do with the kind of liberation we're talking about".<sup>174</sup>

Em consequência das relações conflitivas, principalmente nas definições ideológicas do movimento feminista, muitas mulheres negras tinham dificuldades em auto-identificarem-se como feministas. Como resposta a essa questão, a escritora Alice Walker propôs o termo *womanist*, sem maiores impactos para as mulheres negras, que continuaram negando o feminismo, ou se definindo como feministas negras. A própria Angela fala de sua relutância em se definir como tal <sup>175</sup>: “Personally, it was only after many years of political involvement that I decided to embrace the term feminism. I now feel very comfortable calling myself as feminist”.<sup>176</sup>

Retomando a produção de Angela, podemos afirmar que a primeira parte da sua produção sobre gênero e raça poderia ser classificada como “trabalhos de combate”, pelo fato de o mesmo consistir, em grande medida, em respostas às opiniões conservadoras e preconceituosas sobre as mulheres negras. Os seus trabalhos dos anos 1990 sobre a mesma temática já se encontram, em parte, mais livres desse dilema e abertos a buscar outros assuntos, também de forma politizada, como foi o caso de *Blues, Legacies and Black Feminism*<sup>177</sup>. A produção da autora sobre as mulheres afro-americanas foi publicada em periódicos ao longo da década de 70, e somente nos anos 80 esse material foi publicado como livro. Nessa mesma conjuntura, outras mulheres negras faziam publicações, algumas questionando a supremacia branca no pensamento feminista e o silêncio sobre a política de gênero nos estudos raciais e no movimento, e ainda outras publicavam romances sobre mulheres como elas. *The Bluest Eyes*, de Toni Morrison <sup>178</sup>, (1970); *Black Macho and*

<sup>174</sup> Ibid, p. 305.

<sup>175</sup> Nos textos de Angela, a definição de feminismo aparece tradicional para caracterizar essa experiência anterior, como a dos anos 60/70.

<sup>176</sup> Coalition Building Among People of Color-Angela Davis and Elizabeth Martinez. In: JAMES, Joy [ed]. *The Angela Y. Davis Reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p.304.

<sup>177</sup> *Blues, Legacies and Black Feminism*: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Random House, 1998. Os seus primeiros livros publicados foram *If They Come in the Morning*: Voices of Resistance (1971) consistiam em artigos sobre o cárcere e entrevistas dela e de outros militantes negros. Depois publicou *Angela Davis: An Autobiography* (1974). *Women, Race and Class*, New York: Random House, 1981, *Women, Culture and Politics*. New York: Random House, 1989. E ainda a coletânea de artigos editada por Joy James *The Angela Davis Reader* (1998) e o seu último trabalho *Are prisons obsolete?* New York: Seven Stories Press, 2003.

<sup>178</sup> Esse romance rendeu a Toni Morrison o prêmio Nobel da literatura, pela primeira vez concedido a uma mulher negra.

*the Myth of the Superwoman* (1979), de Michelle Wallace e *Ain't I a woman* (1981), de Bell Hooks são alguns exemplos destas produções.

Em Angela encontramos o somatório de discussões acadêmicas e da militância política, visto que a sua produção intelectual reflete todo o envolvimento político que teve. A autora aponta a importância de sua experiência como aluna de Adorno e Marcuse para construir a relação entre a academia e o ativismo. Ela recorda:

Studying with Adorno and Marcuse allowed me to think early on about the relationship between theory and practice, between intellectual work and activist work.<sup>179</sup>

Essa relação vem refletida inclusive nos temas pelos quais a autora se interessa e desenvolve em suas pesquisas, como as questões ligadas às mulheres negras, marxismo (filosofia), a questão prisional, a cultura, e a comunidade afro-americana, entre outras coisas.

Nos relatos da autora sobre algumas experiências no campo da militância é perceptível a enorme desigualdade entre homens e mulheres, e a permanência de uma série de estereótipos machistas que atribuíam a elas um papel subalterno naquele contexto. A autora atribui a essas experiências o seu despertar para a desigualdade de gênero. No entanto, é importante frisar que narrativas posteriores incluem o papel da memória e das lembranças na construção histórica do conhecimento, e mais especificamente da teoria crítica. Porque esse mesmo despertar poderia ter ocorrido na universidade, contudo, a fala das mulheres negras revolucionárias está completamente marcada por esse discurso do machismo dos movimentos negros revolucionários<sup>180</sup>. A autora narra sobre sua experiência:

I ran head-long into a situation which was to become a constant problem in my political life. I was criticized very heavily, especially by male of Karenga's<sup>181</sup>

<sup>179</sup> Angela Y. Davis: Reflection on Race, Class, and Gender in the USA. In: **The Angela Y. Davis Reader**, Op. Cit., p. 316.

<sup>180</sup> Isso está presente nas falas de *Elaine Brown*, *Assata Shakur*, *Katleen Cleaver* e outras.

<sup>181</sup> Maulana Karenga foi um nacionalista negro fundador de uma organização militante chamada *US, United Slaves*, contemporânea aos Panteras Negras, mas que tinha problemas com esses. As divergências entre as duas organizações estavam na questão da unidade racial. Os Panteras Negras consideravam-se nacionalistas revolucionários, e buscavam alianças com revolucionários, independente de raça. Já *US*, era uma organização nacionalista cultural, e buscava aliança apenas entre pessoas negras. As polêmicas verbais culminaram com um tiroteio entre membros das duas organizações em Janeiro de 1969 na Universidade da Califórnia em Los Angeles, quando dois militantes dos Panteras foram mortos. O episódio é atribuído como ação de agentes infiltrados do *Cointelpro* (*Counter Intelligence Program*) no *US*.

organization, for doing “a man’s job”. Women should not play leadership roles, they insisted. A woman was supposed to “inspire” her man and educate his children. The irony of their complaint was that much of what I was doing had fallen to me by default.<sup>182</sup>

Ela também recorda um outro episódio:

(...) I also became involved with another Black power group called US (United Slaves), but I just couldn’t deal with male supremacy. I remember attending an US event, and when I sat down to eat, I saw that I was the only woman seated. A guy said, “Well, sister, you must be new. You see, we have to eat first, and then after the brothers eat, the sister eat.”<sup>183</sup>

Angela define a experiência e as atitudes misóginas de alguns homens negros revolucionários como uma “síndrome de masculinidade”, uma luta que em muitos casos se converteu na peleja pela supremacia do homem negro dentro da comunidade<sup>184</sup> e das organizações negras, em resposta à suposta dominação exercida pela mulher negra desde o período da escravidão. Caberia a eles serem a vanguarda na luta pela libertação da comunidade negra. Existia por parte de muitos militantes uma visão distorcida sobre as mulheres e o seu papel na luta política. Em alguns casos, a luta pelo poder negro (*black power*) era confundida com o poder para o homem. Um outro ponto importante, a pensar, diz respeito à sedução que a imagem da masculinidade militante exercia sobre o imaginário de muitas jovens da época. O grande exemplo disso é o impacto simbólico e o encantamento provocado pelos Panteras Negras, particularmente Huey P. Newton em diferentes localidades e gerações.

(...) an unfortunate syndrome among some Black male activists – namely to confuse their political activity with an assertion of their maleness. They saw- and some continue to see- Black manhood as something separate from Black womanhood. These men view Black women as threat to their attainment of manhood- especially those Black women who take initiative and work to become leaders in their own right.<sup>185</sup>

<sup>182</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit, 1988, p. 161.

<sup>183</sup> Katleen Cleaver and Angela Davis: Rekindling the flame. In: **Essence**. v. 27, Iss. 1. New York: ECI May 1996, p. 85.

<sup>184</sup> Gostaria de fazer aqui uma rápida consideração sobre o conceito de comunidade para Angela. A autora não opera com uma visão essencialista de comunidade negra, mas com recortes de raça, classe e gênero que a levam a uma perspectiva de construção de coalizões com outras comunidades oprimidas internamente, trabalhando junto com as diferenças, pois também não considera um futuro hegemônico sem a diversidade.

<sup>185</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit, 1988, p. 161.

Mais do que anedotas, os fatos narrados por Angela e outras militantes negras da época revelam a dimensão da desigualdade de gênero existente no período dentro das organizações revolucionárias. As organizações de perspectivas afro-cêntricas, como a *US*, justificavam os seus discursos machistas baseados na idéia de uma África mítica, onde mulheres exerceriam papéis secundários no espaço doméstico. O que reduz em demasiado a realidade das sociedades existentes na África, ao mesmo tempo, pretende reproduzir, de forma *ahistórica*, experiências passadas em contextos distintos.

O mais contraditório dessa situação foi o fato de esse momento histórico ter tido como eixo unificador de diversos movimentos políticos a luta por igualdade e liberdade. Contudo, para setores consideráveis desses mesmos movimentos a posição das mulheres deveria ser subalterna. A pergunta a se responder é: por que parte do engajamento político dentro da comunidade negra refletiu uma reprodução das hierarquias de gênero?

Essa mentalidade machista, como nos lembra Ellen Dubois, não era uma “exclusividade” das organizações negras da época:

In the Panthers, as in the other pre-feminist movements of the sixties, women’s sexuality was often considered granted to men for politically heroic acts. In the white antiwar movement, I remember this as the principle of “Girls say yes to guys to say no.”<sup>186</sup>

Como já citado anteriormente, o ano de 1970 foi o momento da tomada de consciência a respeito da questão de gênero para Angela e também do desenvolvimento sistemático de suas idéias sobre o tema. Os acontecimentos destacados pela autora foram a amizade com George Jackson e a experiência no cárcere. É importante ressaltar o fato que o contexto histórico mencionado por ela para o despertar da sua consciência de gênero corresponde a uma tomada de consciência coletiva por parte das mulheres negras daquela geração, refletindo inclusive sobre os papéis a desempenhar nas lutas travadas.

Retomando a relação com George, o debate pode ser observado nas correspondências trocadas entre ambos, posteriormente publicadas no livro *Letters*

---

<sup>186</sup> DUBOIS, Ellen. Sisters and brothers. This side of Glory: The autobiography. **The Nation**. v. 257, Iss, 7. New York: Nation, Sep. 6, 1993, p. 252.

*from Prison*<sup>187</sup>. O autor fazia considerações sobre sua mãe como uma matriarca dominadora e estendia tal comportamento às mulheres afro-americanas em geral. Ele tratava de encontrar nelas parte das razões da sua situação de dificuldades como homem negro. Mais do que considerações particulares de George, esse era o pensamento recorrente a respeito das mulheres negras norte-americanas.

When generalizing about black women I could never include *you* in any of it that is not complimentary. But my mother at one time tried to make a coward of me, she did the same with Jon. She is changing fast under crisis situation and apocalyptic circumstance. John and Fleeta's mother did the same to them, or I should say I tried. And so did every brother's mother I've ever drawn out. I am reasonably certain that I can draw from every black male in this country some comments to substantiate that his mother, the black female, attempted to aid his survival by discouraging his violence or by turning it inward. **The blacks of slave society, U.S.A., have always been matriarchal subsociety.** The implication is clear, black mama is going to have to put a sword in that brother's hand and stop that 'Be a good boy' shit. Chanel his spirit instead of break it, or help to break it even known personally and through other brothers accounts begged and bullied us to look for jobs instead of being satisfied with the candy-stick take. The strongest impetus a man will ever have, in an individual sense, will come from a woman he admires.<sup>188</sup>

Posteriormente às discussões com Angela, George amadurece e muda de opinião:

As an individual, I am grateful for you. As the black male, I hope that, since your inclination is to teach, you will give serious consideration to redeeming this very next generation of black males by reaching for today's black female. I am not too certain about my generation.<sup>189</sup>

O primeiro documento citado é uma fonte privilegiada para a nossa pesquisa, pois o primeiro artigo<sup>190</sup> de Angela sobre a questão de gênero surgiu da sua investigação sobre o papel da mulher negra na comunidade escrava, como uma resposta às idéias de George<sup>191</sup>. A antropóloga Angela Gilliam define de uma forma bem interessante a relação entre produção intelectual e experiência pessoal, o que

<sup>187</sup> JACKSON, George. **Soledad Brother**: The prison letters of George Jackson. 3<sup>rd</sup> printing. New York: Bantam books, 1972.

<sup>188</sup> Ibid, p. 215.

<sup>189</sup> Ibid.

<sup>190</sup> Reflections on the Black Woman's Role in the Community of Slaves. Publicado originalmente em **Black Scholar** 3. n. 4. Oakland e Black World Foundation Dec. 1971. Posteriormente publicado por JAMES, Joy (ed.). **The Angela Davis**. Op. Cit.

<sup>191</sup> Recordamos uma das indagações apresentadas no projeto de pesquisa a respeito da produção textual da autora como uma resposta a outros discursos, situações não-textuais e desafios práticos, que neste caso, como em muitos outros, não foram nomeados diretamente.

pode ser aplicado a Angela. “Alguns dos exemplos de escritura mais provocadores emergem nos momentos críticos em que a posição de subjetividade do autor fortalece a autoridade analítica”.<sup>192</sup> Os escritos de Angela dessa época revelam sua própria experiência com o sexismo. Sobre o texto, Joy James pontua a originalidade do artigo:

Davis offers one of the earliest analyses of the intersection of racism, sexism, and capitalism within the slave community and one of the earliest essays on antiracist feminist theory contextualized in the black experience in the Americas.<sup>193</sup>

Observar os termos desse debate tão próximo nos coloca os desafios do trabalho do historiador em acompanhar o debate das idéias, ou seja, “resgatar o sentido original de uma obra em seu contexto intelectual e prático.”<sup>194</sup> A pesquisa também foi útil para Angela na sua defesa, pois ela argumentava que existia um grande grau de misoginia envolvido no processo devido a que grande parte dos argumentos da promotoria baseavam-se na irracionalidade das suas ações baseada no seu amor por George. O estudo ajudou-a a construir a estratégia para sua defesa. Além disso, nessa época quase nada havia sido escrito sobre a escravidão sob a perspectiva feminista negra. Davis busca a bibliografia existente sobre o tema e concentra-se especialmente nas publicações de finais dos anos 60, já que os argumentos de George baseavam-se em considerações sobre aquela conjuntura de que a mulher negra teria dominado o poder dentro da comunidade, inicialmente na escravidão, mantido até o período posterior, e ao mesmo tempo exercido um papel conservador de impedir as movimentações de insubmissão e resistência à dominação branca. Em resumo, ter usurpado o poder do homem, não ter alimentado a contestação e colaborado na manutenção do sistema. Em conjunto, o mito da “mammy/mãe preta” responsável pelo cuidado dos brancos que tem a sua melhor definição nos personagens habituais feitos por Whoopi Goldberg no cinema<sup>195</sup>. Como cita Bell hooks,

<sup>192</sup> GILLIAN, Angela e GILLIAN, Onik’a. Negociando a Subjetividade de Mulata no Brasil. **Revista Estudos Feministas**. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, jul./dez. 1995, p. 525.

<sup>193</sup> JAMES, Joy (ed.). **The Angela Davis Reader**. Op. Cit., p. 13.

<sup>194</sup> FONSECA, Eduardo Giannetti da. Entrevista. In: **Folha de São Paulo**. Caderno *Mais*, 30/05/2004, p. 13.

<sup>195</sup> O mesmo tem equivalente no Brasil, com personagens imortalizados na literatura e na televisão como a Tia Anastácia do Sítio do Pica-pau Amarelo de Monteiro Lobato.

(...) essa imagem registra a presença feminina negra como significado pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe, “peito”, amamentando e sustentando a vida de outros. Significativamente, a proverbial “mãe preta” cuida de todas as necessidades dos demais, em particular dos mais poderosos.<sup>196</sup>

Acrescenta-se ainda que o texto de Angela também foi uma resposta à publicação *The Negro Family: Case for National Action* de 1965. O texto consistia nas análises feitas por Daniel Moynihan<sup>197</sup>, a respeito dos dados obtidos sobre as famílias negras. A tese do autor do autor era que os problemas e o “comportamento patológico” da comunidade negra não tinham raízes na deterioração econômica, nem tampouco na segregação, mas no passado da escravidão e na degradação moral das famílias, pois eram chefiadas e sustentadas pelas mulheres negras. O relatório reafirmava os clichês preconceituosos sobre a família negra.

Alguns estudos históricos posteriores, como foi o caso do historiador Herbert G. Gutman e o *The Black Family in Slavery and Freedom 1750-1925* (1976), também iam contra as afirmações de Moynihan. O estudo do historiador Gutman sobre

(...) escravidão norte-americana em que, utilizando-se em sintonia com os mais recentes rumos do debate historiográfico sobre a cultura em seu tempo, derrubou as até nunca contestadas análises que insistiam em diminuir o papel do pai (ou da figura paterna) na família escrava e tomavam a promiscuidade como norma entre a escravaria.<sup>198</sup>

Um exemplo da importância da figura paterna dentro das famílias escravas pode ser observado no hábito de se dar o nome do pai aos filhos homens. Sobre a família, o autor demonstra a sua importância na manutenção dos laços de pertencimento e transmissão das tradições culturais.

O texto de Angela *Reflections on the Black Woman's Role in the Community of Slaves* apresenta suas análises contracorrentes sobre o papel das mulheres negras na escravidão. Angela questiona a idéia de que o sistema escravista reconhecia a família chefiada por mulheres escravas e que elas seriam colaboradoras do senhor de escravos, e assim rebate:

<sup>196</sup> HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*. n.2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 468.

<sup>197</sup> Era um importante assistente do secretário do trabalho na época.

<sup>198</sup> PAMPLONA, Marco A. Os novos rumos da historiografia sobre a escravidão e as raízes do tempo presente. In: PAMPLONA, Marco A. (org). *Escravidão, Exclusão e Cidadania*. Rio de Janeiro: ACCESS Editora, 2001, p. 13.



It would have been exceedingly risk for the slave-holding class to openly acknowledge symbols of authority – female symbols no less than male. Such legitimized concentrations of authority might eventually unleash their power against the slave system itself.<sup>199</sup>

A autora ainda apresenta um ponto crucial para questionar a idéia do pretenso poder das mulheres, a separação que era imposta entre mãe e filho recém-nascido, e ainda as decisões sobre como viveria, que estavam nas mãos de seu “proprietário”.

A sua contribuição na resistência contra a escravidão foi ignorada. Angela, nas suas pesquisas, pontuou as participações das mulheres negras nas resistências às rebeliões e ações cotidianas contra a escravidão, citando inclusive que a punição era maior quando presas após rebelião, para que não servissem de exemplo para outras mulheres. Sobre o tema, a autora cita uma série de rebeliões encabeçadas por mulheres.

During the early years of slave era (1708) a rebellion broke out in New York. Among its participants were surely many women, for one, along with three men, was executed in retaliation for the killing of seven whites.

It may not be entirely insignificant that while the men were hanged, she was heinously burned alive. In the same colony, women played an active role in a 1712 uprising in the course of which slaves, with their guns, clubs, and knives, killed members of the slave-holding class and managed to wound others. While some of the insurgents- among them a pregnant woman- were captured, others- including a woman- committed suicide rather than surrender.<sup>200</sup>

As mulheres negras executavam os trabalhos domésticos dentro da casa grande, um papel assegurado pela sociedade branca da América, mas também pelas tradições patriarcais da África. “Domestic labor was the only meaningful labor for the slave community as whole”.<sup>201</sup> Além disso:

The dialectics of her oppression will become far more complex. It is true that she was a victim of the myth that only woman, with her diminished capacity for mental and physical labor, should do degrading household work. Yet, the alleged benefits of the ideology of femininity did not accrue to her. She was not sheltered or protected; she would not remain oblivious to the desperate struggle for existence unfolding outside the “home”. She was also there in the fields, alongside the man, toiling under the lash from sun-up to sun-down.<sup>202</sup>

<sup>199</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 1971, p. 112.

<sup>200</sup> Ibid, p. 119.

<sup>201</sup> Ibid, p. 116.

<sup>202</sup> Ibid, p. 116.

Uma das grandes ironias da situação da mulher negra na escravidão é que a dita fragilidade feminina não a contemplava. O conceito da feminilidade está relacionado à brancura e à pureza, representações históricas opostas às das mulheres negras. Dessa ambigüidade nasce a idéia de que era uma mulher masculinizada, uma figura duvidosa. A ela cabia as tarefas que não poderiam ser definidas como “femininas”, tanto no período da escravidão, como posteriormente.

Uma outra dimensão da vida da escrava, era a violência sexual cometida pelo senhor, os ataques por parte dele e do capataz poderiam ocorrer no espaço doméstico, como no campo.

Bell Hooks considera a iconografia construída após o período como justificativa à violência sexual contra as mulheres negras:

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.<sup>203</sup>

Resultado da permanência desses estereótipos cruéis no imaginário foi o aprisionamento das mulheres negras ao seu corpo, e a impossibilidade de se pensar atuações para além dessa esfera.

Angela constrói uma análise inovadora que define o estupro contra a escrava não apenas como a satisfação do desejo do “proprietário”, mas também como um ato de contra-insurgência do “proprietário” contra a escrava; uma tentativa de levá-la à condição animal, de desumanizá-la para quebrar a sua resistência e da comunidade como um todo. O estupro nessa leitura seria visto como um método de controle pelo terror:

In this political contours, the rape of the black woman was not exclusively an attack upon her. Indirectly, its target was also the slave community as whole. In launching the sexual war on the woman, the master would not only assert his sovereignty over a critically important figure of the slave community, he would also be aiming a blow against the black man.<sup>204</sup>

Angela Gilliam, seguindo as mesmas perspectivas, considera a sexualização das mulheres como forma de controle social sobre uma população oprimida:

<sup>203</sup> HOOKS, Bell. Op. Cit., p. 469.

<sup>204</sup> Ibid, p. 124.

Porém, quando raça, gênero e classe “cruzam com as estruturas históricas e dominação a representação sustentada, objetificada, e sexual das mulheres contribui ao controle sócio-político duma nação e seu povo como um todo.”<sup>205</sup>

Sobre essas análises, considero importante ressaltar dois pontos que me parecem criativos nas análises de Angela. O primeiro foi a apropriação particular de dois autoras importantes fundamentais para muitos da sua geração Simone Beauvoir e Frantz Fanon.

Beauvoir, redescoberta pelas feministas, se torna referência obrigatória, em função das suas análises a respeito da condição feminina, em especial ao desconstruir a idéia de uma essência feminina, mostrando o vínculo entre o ser e tornar-se mulher. Além disso, a crítica a uma sociedade centrada no homem, onde o mesmo era referência e parâmetro, sendo a mulher definida como o outro. O título do livro *O Segundo Sexo* (1949) resumia bem a condição das mulheres dentro da sociedade ocidental, elas eram literalmente um segundo sexo numa sociedade centrada nos homens, ao mesmo tempo, representam o positivo e o neutro, como indicado pelo uso comum de homem para designar seres humanos em geral. Acrescenta-se ainda que Beauvoir buscava compreender o processo de naturalização das diferenças entre os sexos, e também contribuir no processo de consciência das mulheres da dominação.

A referência a Frantz Fanon foi constante nos movimentos negros de Brasil e EUA revelam a consciência global do racismo. A importância do autor, entre outras coisas, a esteve em criticar uma sociedade centrada no branco e na obsessão com a branquura, ao mesmo tempo destacar os dois pólos de uma relação colonial: o colonizador e o colonizado. Fanon busca compreender os mecanismos de dominação na formação da consciência do povo colonizado.

O interessante dessa literatura utilizada por Angela na época, foi que a autora buscou e precisou situar as mulheres negras na bifurcação entre gênero e raça para, a partir daí, desenvolver o seu pensamento.

O segundo ponto é que, com base na sua formação marxista, a autora aplica ao seu trabalho a idéia do status da mulher como referência ou termômetro do grau de desenvolvimento social, em especial a posição da mulher negra dentro da comunidade de escravos como indicativo do potencial para resistência. Na reatualização que fez do mesmo conceito para as lutas dos anos 60/70. Angela Davis pontuou o grau de

---

<sup>205</sup> GILLIAN, Angela. Op. Cit., p. 531.

engajamento das mulheres negras dentro do movimento, utilizando-o como elemento de avaliação do progresso destas lutas.

(...) no revolutionary should fail to understand the underlying significance of the dictum that the success or failure of a revolution can almost always be gauged by the degree to which the status of women is altered in a radical, progressive direction.<sup>206</sup>

A análise feita por Angela é, para nós, muito interessante na medida em que comprometia o desenvolvimento da luta revolucionária negra com a igualdade de gênero, pois esse se torna um dos requisitos para se avaliar os avanços da revolução. Sobre o período da emancipação, Angela apresenta as permanências na condição das mulheres negras. No que diz respeito às ocupações profissionais, nos EUA, como no Brasil, o trabalho doméstico foi o “lugar destinado” às mulheres negras, uma espécie de “guetização” nas ocupações de serviço <sup>207</sup>, capazes de mostrar a dimensão econômica da opressão. Acrescenta-se ainda a exposição à violência sexual no período da emancipação, onde Angela nos mostra como a permanência da posição subalterna da população negra, em especial da mulher, a mantinha numa posição frágil às investidas sexuais do homem branco, com o acréscimo da situação de exposição ao assédio doméstico cometido por parte do patrão, o que colocava as mulheres negras em uma situação complicada. Para a autora,

Time after time they have been victims of exploitation on the job, compelled to choose between sexual submission and absolute poverty for themselves and their families. The Georgia woman lost one of her live-in jobs because “I refused to let the madam’s husband kiss me.”<sup>208</sup>

Essa relação entre patrão e empregada poderia ser definida a partir do conceito de Angela Gilliam a respeito da erotização da desigualdade, definida como “(...) um componente fundamental da manutenção e perpetuação da dominação patriarcal, especialmente no Ocidente”.<sup>209</sup>

Um dos temas complexos nas interseções entre gênero e raça na sociedade norte-americana diz respeito ao estupro e à comunidade negra. De um lado, temos a diferenças de punição de acordo com quem sejam o agressor e a vítima. No período

<sup>206</sup> DAVIS, Angela. I am a revolutionary black woman. Op. Cit., p. 484.

<sup>207</sup> O termo foi tomado de empréstimo de COLLINS, Patricia Hills. **Black, feminists thought.** Knowledge, consciousness and politics of empowerment. New York: Routledge, 1991, p. 6.

<sup>208</sup> DAVIS, Angela. The meaning of emancipation according to black women, Op. Cit., 1981, p. 91.

<sup>209</sup> GILLIAN, Angela. Op. Cit, p. 529.

da segregação, os estupros cometidos por homens negros contra mulheres brancas eram punidos com a morte, mesmo se não se tratasse de estupro, mas apenas de relação inter-racial.

Já os crimes cometidos contra a mulher negra raramente tiveram punição. Angela considera que isso permaneceu:

Today, black women continue to be sexually attacked- and , in some cases, even murdered- by white men who know that, in all likelihood, they will never have to face the consequence of their crimes.<sup>210</sup>

Angela relaciona a vulnerabilidade da mulher negra frente ao estupro e o mito do homem negro estuprador, como estando diretamente ligados entre si:

The rape of the black woman and its ideological justification are integrally linked to the portrayal of the black man as a bestial rapist of white women- and, of course, the castration and lynching of black men on the basis of such accusations. Historically, the connection between the two myths has been very clear. Struggle against the sexual abuse of black women demanded at the same time struggle against the cruel manipulation of sexual accusation against black men. Black women, therefore, have played a vanguard role, not only in the fight against rape, but also the movement to end lynching.<sup>211</sup>

Todavia consideramos que há reflexos negativos para as mulheres, na medida em que, quando estupradas por membros da sua comunidade em nome de uma unidade racial, se sentiam coagidas a denunciarem, o que levou posteriormente a um outro movimento dentro da comunidade em discutir os abusos e violências cometidos contra as mulheres pelos homens negros. Eldridge Cleaver, Ministro da Informação do Partido dos Panteras Negras, faz relatos sobre a sua experiência em relação ao estupro:

Tornei-me um estuprador. Para refinar a minha técnica e *modus operandi*, comecei a praticar com as moças negras do gueto- do gueto negro (...). E, quando achei que estava suficientemente treinado, saí em campo seguindo a pista da presa branca. Tudo isto foi consciente, deliberado, voluntário e ordenado (...)  
Estupro era um ato de insurreição. Enchia-me de prazer o fato que estava desafiando e pisoteando a lei do homem branco, o seu sistema de valores, e que violava suas mulheres - e isto, acredito eu, era o que mais me satisfazia, porque me sentia revoltado com o modo pelo qual, historicamente, o homem branco fizera uso da mulher negra. Achei que estava obtendo a vingança.<sup>212</sup>

<sup>210</sup> DAVIS, Angela. Joanne Little - The Dialectics of Rape. Op. Cit., 1998, p. 149.

<sup>211</sup> Ibid, p. 155.

<sup>212</sup> CLEAVER, Eldridge. **Alma no Exílio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 13.

Como citado anteriormente, a questão do cárcere também foi parte do seu processo de construção da consciência de gênero, e ela também pontua o silêncio do movimento feminista da época sobre as mulheres encarceradas, em sua maioria negras:

I began to question why we rarely, if ever, said anything about the women who were in prison. In jail I found myself surround by women who had been relegated to such a status that they were not even perceived to exist. And so I began to think about the implication of that invisibility for Black women as a whole.<sup>213</sup>

No seu trabalho de resgate histórico, Angela apresenta a primeira organização política das mulheres afro-americanas, *National Association of Colored Women's Club* de final do século XIX. As mulheres negras viram-se obrigadas a organizar em separado o seu clube<sup>214</sup>, em consequência das dificuldades encontradas por elas no movimento de mulheres, marcado pelo viés elitista e racista. Elas construíram uma agenda política baseada na defesa da mulher e do homem negro contra o racismo com dimensões de ação política e intelectuais e aberto a todas as mulheres desejosas de participarem. Um ponto importante a destacar foi a luta das mulheres negras contra o linchamento, enquanto o movimento de mulheres tinha como ponto principal o sufrágio universal. As mulheres negras e pobres não consideravam que legalização do voto resolveria os seus principais problemas, na verdade, só foram beneficiadas com o direito ao voto nos anos 60 com as leis de direitos civis. Os clubes de mulheres negras tinham um lema bem particular, que é resgatado por Angela, “Elevando-nos à medida que subimos” (*Lifting as we climb*). A partir do resgate desse pensamento, ela coloca a questão do compromisso, não só das mulheres, mas da comunidade negra com o desenvolvimento de todos seus membros, para além de um interesse individual ou de classe, assim como a questão do empoderamento destas partes baseado num princípio de responsabilidade coletiva. E, para isso, a questão do emprego é fundamental. “*An issue of special concern to Afro-American women is unemployment. Indeed, the most fundamental prerequisite for empowerment is the ability to earn an adequate living.*”<sup>215</sup>

<sup>213</sup> DAVIS, Angela e JORDAN, June. Op. Cit., p. 93.

<sup>214</sup> Designação para as organizações políticas da época.

<sup>215</sup> Ibid, p. 8.

Angela considera as mulheres afro-americanas responsáveis por trazerem as perspectivas políticas mais progressistas ao movimento de mulheres. Patrícia Hill Collins fez as mesmas considerações de Angela, sobre o papel das mulheres na ampliação das perspectivas do movimento:

This legacy of struggle and its resulting humanistic vision differentiate Black feminist from historical expressions of white feminist in the United States. While middle-class white feminists condemn the restrictions of affluence, the majority of Black women struggle against the oppression of racism and poverty. As result, Black feminist central concerns has been the transformation of societal relation based on race, class and gender.<sup>216</sup>

Como lembra Martha Ackelsberg, em consequência do forte racismo dos anos de 1930-1950, as mulheres negras se concentraram dentro da própria comunidade:

(...) efetivamente excluídas da participação política formal em várias áreas até meados dos anos 60- continuaram, contudo, a exercer um importante trabalho público nas suas comunidades, a levantar questões e a criar instituições para enfrentar as necessidades comunitárias.<sup>217</sup>

Nas suas avaliações a respeito do movimento feminista, Angela pontua que foram deixadas para trás as experiências das mulheres de cor e operárias, fator que enfraqueceu bastante o movimento. Para Angela, o movimento feminista deve ser capaz de abrigar na sua agenda os interesses das mulheres da classe trabalhadora, bem como os das mulheres de cor, o que coloca a necessidade de uma luta contra a violência racial.

The revolutionary potential of the women's movement still will not have been realized. The racist-inspired flaws of the first and second waves of the women's movement will have become the inherited flaws of third wave.<sup>218</sup>

Isto nos leva às considerações de Angela sobre as principais vítimas do sistema, "(...) black women constitute the most oppressed sector of society".<sup>219</sup> Mas a

<sup>216</sup> COLLINS, Patrícia Hill. *Feminism the twentieth century*. In: SMITH, Jessie Carney (ed.). **Notable Black American Women**, Detroit: Gale Research Inc., 1992, p. 418.

<sup>217</sup> ACKELSBURG, Martha. *Ampliando o Estudo sobre a Participação das Mulheres*. **Cadernos AEL**, n. 3/4. Campinas: Unicamp, 1995/96, p. 260.

<sup>218</sup> DAVIS, Angela. *Let us All Rise Together: Radical Perspectives on Empowerment for Afro-American Women*. Op. Cit., 1989, p. 7. A terceira onda do movimento feminista é uma referência de Angela ao período de final dos anos de 1980.

<sup>219</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 1999, p. 484.

autora considera que todas as críticas construídas ao discurso feminista hegemônico foram produtivas, pois houve algumas mudanças.

Na perspectiva política de Angela, está presente a inter-relação das opressões econômicas, de gênero e de raça.

The roots of sexism and homophobia are found in the same economic and political institutions that serve as the foundation of racism in this country and, more often than not, the same extremist circles that inflict violence on people of color are responsible for the eruptions of violence inspired by sexist and homophobic biases. Our political activism must clearly manifest our understanding of these connections.<sup>220</sup>

Ainda presente na autora encontra-se a discussão sobre o socialismo:

This is not to say that our problems will magically dissipate with the advent of socialism. Rather, such a social order should provide us with the real opportunity to further extend our struggles, with the assurance that one day we will be able to redefine the basic elements of our oppression as useless to refuse of the past.<sup>221</sup>

Um dos últimos trabalhos de Angela foi sobre o *Blues e seu legado ao feminismo negro*. O blues foi a primeira expressão artística do pós-abolição nos EUA.

What is distinctive about the blues, particularly in relation to other American popular music forms of the 1920s and 1930s, is its intellectual independence and representational freedom.<sup>222</sup>

Angela buscava uma forma de “escutar” outras falas das mulheres negras não alfabetizadas e não pertencentes à classe média, pois as mulheres afro-americanas alfabetizadas como Ieda B.Wells, Fanie Barrier Willians, Anna Julia Cooper e outras registram suas contribuições em textos. Mas como obter o relato das mulheres negras pobres? O blues foi a resposta encontrada por Angela. As mulheres registram a sua presença nos anos 20 gravando suas músicas, cujas letras apresentavam a sexualidade com grande relevância. Angela encontrou diferenças nas temáticas das mulheres negras conforme sua classe social; na classe média, não se poderia conversar abertamente sobre a sexualidade, um tema tabu. Para comunidade negra do pós-emancipação, a liberdade sexual era um dos poucos campos em que havia parcial

<sup>220</sup> DAVIS, Angela. Op. Cit., 1989, p. 12.

<sup>221</sup> Ibid, p. 14.

<sup>222</sup> DAVIS, Angela. **Blues Legacies and Black Feminism**: Gertrude "Ma" Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Random House, 1998, p. 3.



liberdade, ao menos dentro da própria comunidade - a não ser pelas relações inter-raciais proibidas pela segregação. Em especial, para os negros pobres, essa liberdade tinha um sentido especial, pois estavam privados da liberdade econômica e poucos tinham acesso à educação.

Those aspects of lived love relationships that were not compatible with the dominant, etherealized ideology of love – such as extramarital relationships, domestic violence, and the ephemerality of many sexual partnerships- were largely banished from the established popular music culture.<sup>223</sup>

Como resultado das lutas travadas nos anos 60/70 as mulheres afro-americanas, como Alice Walker, Bell Hooks, Toni Morrison e Angela, conseguiram alcançar alguns progressos no âmbito do movimento e da academia. Hoje são reconhecidas como intelectuais e suas produções têm espaço garantido. Dentro do movimento há um posicionamento de combate ao sexismo por parte de muitos homens. Mas como as permanências marcam muitos processos históricos, alguns avanços foram obtidos, e graves problemas se mantêm, como as políticas de controle de natalidade sobre as mulheres negras consideradas, por muitos setores da sociedade, reprodutoras da miséria e da criminalidade. E, ainda, os novos desafios como as drogas na comunidade, em especial como atingem as jovens negras.

Mas talvez o grande recuo político do movimento tenha sido a Marcha de *Um Milhão de Homens* organizada por *Louis Farrakhan* em 1995, onde as mulheres negras deveriam permanecer em suas casas cuidando dos seus filhos, o que revela a permanência de uma visão falocêntrica dentro de muitas organizações do movimento negro norte-americano, em especial na própria definição da concepção de política.

The men who attended the Million Man March were asked to participate in a collective act of atonement. All of us have reasons to atone. But is that going to bring about jobs or halt the rising punishment industry? This march may have been first demonstration in history where Black people were mobilized, not around any goals or political agenda, but simply because they were Black men.<sup>224</sup>

O que nos leva à questão que buscaremos responder no próximo capítulo: a de como ficam essas duas mulheres por nós analisadas, Angela Davis e Lélia Gonzalez na “encruzilhadas” de raça e gênero? Como mantêm o equilíbrio entre esses eixos

<sup>223</sup> Ibid, p. 3.

<sup>224</sup> CLEAVER, Katleen e DAVIS, Angela. Op. Cit., p. 83.

definidores de suas identidades, produção acadêmica e militância política? Em Angela, observamos a importância da dimensão de classe para a autora.